

'Credores devem ter atitude responsável'

Íntegra do discurso do ministro Dilsen Funaro, ontem, na reunião do Fundo Monetário Internacional:

"Senhor Presidente,

Passaram-se quatro anos desde o início da atual crise de pagamentos e de financiamentos, provocada pela elevação abrupta e sem precedentes das taxas de juros internacionais.

Para os países em desenvolvimento, tem sido um período de sacrifícios. A violenta redução dos fluxos financeiros do Exterior e os severos programas de ajuste de seus desequilíbrios interno e externo causaram recessão, redução nos padrões de vida e insegurança política e social generalizada.

Combinada com os déficits das contas internas de alguns países industrializados, sobretudo dos Estados Unidos, a crise introduziu um profundo desequilíbrio no sistema financeiro internacional.

Gerou incertezas, maiores riscos e uma conseqüente perda de confiança na capacidade de recuperação, tanto dos países devedores quanto do sistema como um todo. A permanência das taxas de juros em nível elevado agravou os já prolongados efeitos da crise, ao inibir os investimentos e impedir a recuperação do crescimento da economia mundial.

Os mecanismos para administrar esta situação, embora úteis para assegurar a imediata sobrevivência do sistema e dos seus principais agentes financeiros, pouco contribuíram para solucionar os problemas básicos existentes. Parece evidente que esses mecanismos estão esgotados e que hoje, em vez de administrar a crise, o que precisamos é adotar medidas conjuntas para sair dela. A insistência em remédios inapropriados está prejudicando o esforço de ajustamento dos países devedores. Exemplo disto é a exigência ritual de um acordo com o Fundo Monetário para a renegociação da dívida com o Clube de Paris, quer o país tenha ou não necessidade de tal acordo.

Os países em desenvolvimento têm buscado a ação conjunta, o diálogo. O Grupo dos 14 vem elaborando, ao longo de muitos anos, um conjunto de propostas de ação certamente dotadas de espírito inovador e visão ampla, mas também de realismo e razão. A reação a essas propostas tem sido simplesmente nula. Os países desenvolvidos parecem efetivamente dispostos a esperar que a situação se torne muito pior do que já é, para então darem alguma atenção às advertências que têm sido feitas sobre a fragilidade do sistema.

Creio que esses países estão assumindo um risco cada vez maior. Observar passivamente a deterioração da situação financeira mundial e sancionar a aplicação de modelos desgastados significam apenas agravar a crise e fomentar a instabilidade.

É preciso terminar de vez com a noção de que os países devedores são remissos. Com as taxas de juros exorbitantes que vêm sendo praticadas desde 1980, meu país está pagando o equivalente à totalidade do principal da dívida a cada sete anos. É preciso acabar

também com a desinformação de qualquer qualquer esforço conjunto de nossa parte como um cartel de devedores, enquanto o que se verifica é o funcionamento ostensivo de um cartel de credores.

A consciência pública nos países devedores abriga hoje a clara noção de que estamos pagando demasiado pelo desacerto das finanças mundiais e pelas políticas dos países credores.

Já é tempo de mobilizarmos recursos, criatividade e a visão dos nossos estadistas para trazer as finanças internacionais de volta à normalidade.

Cada um deve fazer sua parte, tanto credores quanto devedores. Entretanto, no que se refere aos esforços de ajustamento efetuados por países devedores, tem que ficar bem claro que não se pode impor reformas de fora para dentro. Menos ainda se essas pretensas reformas fazem tábula rasa do requisito fundamental que é a capacidade de geração de renda adicional por parte dos países devedores, a fim de poderem recuperar sua capacidade de pagamento. Tampouco se deve esperar que qualquer programa tenha um mínimo de possibilidade de êxito se não contar com o consentimento e o apoio da população.



Os líderes dos países devedores têm uma pesada responsabilidade, mas o mesmo se deve dizer dos líderes dos principais países credores. Tal como deflagraram a crise através do aumento explosivo de suas taxas de juros, está agora em suas mãos fazê-la retroceder. Que o façam imediatamente.

É preciso não esquecer que não foram os países devedores que provocaram a crise. Esses países simplesmente foram colhidos pelo movimento de pinças dos altos juros e do súbito desaparecimento do mercado onde refinanciavam suas dívidas. O mercado que antes lhes oferecia insistentemente recursos, a custos históricos normais, de repente esvaneceu-se, por decisão unilateral dos credores.

São, portanto, os credores que devem agora ao mundo uma atitude responsável que devolva ao sistema finan-

ceiro sua função normal, a de financiar os países deficitários com recursos dos países superavitários, a taxas remunerativas mas não proibitivas.

SENHOR PRESIDENTE,

Os países desenvolvidos dispõem agora de uma oportunidade única para estimular de forma concertada o crescimento não-inflacionário da economia mundial. Ao reduzirem suas taxas de juros e assim acelerarem seu crescimento econômico, estarão dando à recuperação dos países devedores uma contribuição comparável àquela que resultará do alívio correspondente no serviço de suas dívidas.

A situação em que se encontram hoje os países em desenvolvimento, subitamente transformados de importadores em exportadores de recursos reais, é nitidamente insustentável. Só o Brasil transferiu para o Exterior em 1985, em termos líquidos, recursos reais da ordem de 11,2 bilhões de dólares, o correspondente a 5,1% de seu PIB e a 23,8% de sua poupança bruta. Os países latino-americanos como um todo transferiram para fora da região, nos últimos quatro anos, algo mais de cem bilhões de dólares no mesmo conceito. Isto representa um mau presságio para a saúde das finanças e dos investimentos mundiais.

Para agravar ainda mais a situação, os países desenvolvidos com déficit comercial acham-se no direito de adotar medidas abertamente protecionistas. Novamente, estão caminhando no sentido contrário ao da solução da crise.

Senhor presidente,

Os números não poderiam ser mais reveladores. A presente conjuntura não poderia ser mais propícia para revertermos essa situação. Não devemos desperdiçar esta oportunidade para pôr fim à atual crise.

Como um primeiro passo nessa direção, quero instar as autoridades financeiras das principais nações credoras a reduzirem suas taxas de juros aos níveis da tendência histórica, e assim criarem condições de recuperação da economia mundial. Apesar da recente redução, as taxas nominais continuam excessivamente altas e, com a provável queda da inflação, as taxas reais continuam três a cinco vezes superiores a seu nível histórico.

Como segundo passo, quero instá-las a aceitar o desafio de enfrentar franca e corajosamente o problema da dívida, sentando-se à mesa com seus contrapartes dos principais países devedores, com o propósito específico de buscar soluções duradouras, através de diálogo aberto e criativo. O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial assistiriam as autoridades financeiras dos principais países credores e devedores em sua tarefa de encontrar respostas inovadoras que revejam a atual estratégia da dívida, repensem as condicionalidades e adaptem as instituições financeiras multilaterais às realidades do nosso tempo. Só assim estaríamos demonstrando real determinação de arcar com a responsabilidade que o momento atual impõe a todos nós".